

Além da Música

O sertanejo de raiz como estilo de vida

Andressa de Ungaro
Camila Milani
Giovana Meneguini



vez

que

eu

viajava

pela

Estrada de

Ouro Fino



Entre os carros e o ronco dos motores, um som diferente, mais suave, chama a atenção de quem caminha pelo Parque da Luz, durante todo o primeiro domingo de cada mês. O Encontro de Carros Antigos da Estação da Luz é um evento que atrai, de todas as cidades, saudosistas e admiradores do charme vintage. Fordinhos, Mustangs e Cadillacs são estacionados lado a lado, em frente à estação que, por si só, já faz viajar no tempo.

A música que se ouvia era de dois senhores de 78 anos que são parceiros há mais de duas décadas, João do Carro e Zé Viola. Um trocadilho engraçado e inteligente para quem faz parte dessa mistura entre a música e os automóveis. Os clássicos do sertanejo eram o que predominava na batida das violas. A voz rouca e o repertório musical remetiam ao clima interiorano e aos velhos tempos em que os avós cantarolavam alguns rabiscos de Chitãozinho e Xororó pelos cantos da casa no domingo à tarde, depois do almoço em família.

O sertanejo de raiz remete a um tempo onde a vida era mais tranquila e valorizava os detalhes e as coisas pequenas do dia a dia. É o conjunto da marcante melodia com as letras cheias de vida, que traz à memória das pessoas uma ideia de paz, de trabalho duro e da valorização das bases familiares.

Enquanto Pin-up's desfilavam seus vestidinhos rodados dos anos 60 e faziam sessões de fotos ao som de rock'n'roll junto aos autos retrôs, a dupla contrastava daquele movimento de pessoas que vieram de todos os lugares possíveis. De forma suave e serena, arrancava olhares curiosos dos que procuravam um refúgio no meio da agitação. Alguns espiavam pelo canto do olho, outros paravam discretamente para escutar o som das violas e havia aqueles que se exaltavam e assobiavam quando a música acabava.

Por que estavam ali? Por que tocar naquele lugar, naquele evento? O que representa poder divulgar o trabalho deles em meio a carros antigos? Muitas perguntas vêm à tona. Mineiros criados no Paraná, os cantores têm a carreira impulsionada pelo amor à música interiorana. Devido à criação

tradicional e moldada de acordo com um estilo de vida de roça, tanto João do Carro quanto Zé Viola foram acostumados desde cedo com instrumentos musicais. Hoje, é por meio da inscrição no site da prefeitura de São Paulo, que ficam por dentro dos eventos que acontecem pela cidade. Eles marcam presença no Encontro de Carros Antigos da Estação da Luz e, também, no Parque da Água Branca, na Barra Funda, nos fins de semana.

Fivelas douradas na cintura, chapéu de caubói na cabeça e botinas de couro lustradas montavam o figurino que propunha outro tipo de clássico, além dos carros antigos da feira. Nas mãos enrugadas e de unhas compridas, um par de violas de dez cordas trazia a música da roça. A antiga música caipira que ainda encanta muita gente.

"São poucos os que tocam à moda", explica o jovem pai ao filho, de aproximadamente dez anos, que se sentiu atraído pela música e puxava o pai pela mão para observar de pertinho a dupla sertaneja. Sentados em um banco de concreto entre as árvores do Parque da Luz, João do Carro e Zé Viola faziam o seu show. O espetáculo não vinha com cortinas de veludo e nem com holofotes. Era simplesmente a música pura deles ali: o som da viola e o gogó. Menino da Porteira era a música que cantavam, fazendo com que até o mais novo dos ouvintes se aventurasse em acompanhar os versos.

"Toda vez que eu viajava pela estrada de Ouro Fino (...)", proferido em cada sílaba das palavras com os graves e agudos que a música pede, além de muito bem marcado pelo violão. As pessoas não apenas admiravam a habilidade dos músicos com as cordas da viola, mas também, acompanhavam seu ritmo. Um senhor que passava pelo parque não parou somente para observar João do Carro e Zé Viola. De trás de suas costas, tirou um violão de dez cordas, do bolso, retirou uma palheta preta e começou a tocar junto com os cantores. Os três pareciam amigos de longa data. Trocavam olhares e sorrisos, como se o interpretar da canção lhes trouxesse lembranças dos tempos de infância.

Quando meninos, correr com os pés descalços pelas pequenas ruas de barro que davam forma às cidadezinhas soava como liberdade. A música é isso para a dupla de idosos. Muito além de uma forma de expressão, tocar as violas significa liberdade e uma profunda volta ao passado.

De Minas Gerais ao Paraná, não importava quão diferente fosse o clima ou o solo, o jeito caipira era o mesmo. Acordar com o cantar do galo, quando o Sol ainda nem nascera. O dia na roça era exigente, porém, pacato. Quando a tarde caía, enquanto os pés descalços tocavam a terra úmida, o cheiro de café convidava os meninos da roça para descansarem. No fogão à lenha, as panelas fumegantes prometiam um jantar maternal que acalmaria a fome de quem trabalhara por horas no arado. Nos dias de chuva, quando não se podia sair de casa nem mesmo para cuidar da terra, a viola era companheira. As canções tocadas pelos avôs eram ensinadas pelos pais, fazendo com que os filhos seguissem a tradição caipira de cantar a vida no interior.

A simplicidade do cântico também chamou a atenção de uma garotinha, em especial, de vestidinho lilás e que aparentava ter uns seis anos. Por conta própria, tomou coragem em seguir alguns

passos à frente para se aproximar de João do Carro e Zé Viola. Durante vários minutos, ela fitou as mãos dos senhores, que deslizavam pelos braços de madeira das violas. Entre olhares para a mãe e para os músicos, a menina sorria e se deleitava com o som que saía da viola. A garotinha levantava os bracinhos para cima, num gesto para que a mãe abaixasse. Então elas cochichavam e a menininha soltava tímidas risadas enquanto seus olhos brilhavam para os idosos.

A reação dos cantores era convidativa. Entre uma música e outra, sorriam e conversavam com os amigos ao redor. "Não é bonito? É maravilhoso poder estar aqui, com saúde e fazer o que a gente gosta", comentou Zé Viola, ainda meio tímido. "A gente decidiu fazer isso vinte anos atrás, porque não queríamos envelhecer sem ter nada pra oferecer. E queríamos envelhecer com alegria!", explica João do Carro, um pouco mais extrovertido do que o parceiro.

Aos poucos, uma aglomeração ia se formando ao redor dos sertanejos. Até mesmo a cavalaria da PM paulistana posicionou-se de maneira estratégica para apreciar o pequeno concerto. A dupla parecia não se abalar por toda a plateia. Pelo contrário, sorriam e interagiram com todos, atendendo aos pedidos musicais.

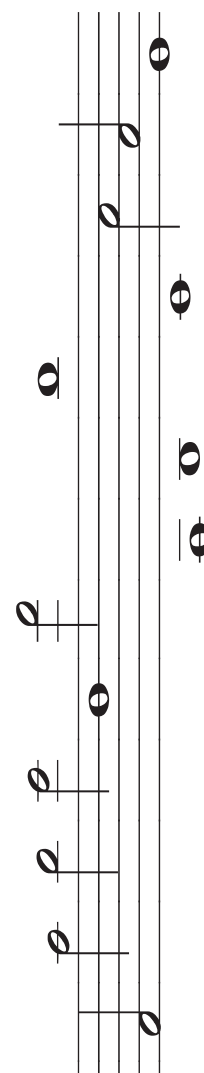


Foto: Camila Milani

João do Carro e Zé Viola tocando na Praça da Luz



Viola cheia de adesivos



A dupla sertaneja e seu companheiro

Canção vai, canção vem. João do Carro e Zé Viola mexiam seus dedos com maestria e concentração, trocavam sorrisos vez ou outra, pouco percebendo a movimentação que ocorria à sua volta. O senhorzinho que decidiu participar inesperadamente do show da dupla tinha seu gingado próprio. Interagiu com eles, puxou algumas músicas e ainda chamava a plateia.

- Ô Chico, ainda com essas princesas na viola, hein? - João do Carro perguntou, sem parar de tocar, achando graça, assim como os passantes, dos adesivos colados no instrumento do colega.

- É obra da minha neta. Se eu tirar, a menina vai ficar brava - respondeu o senhor, aos risos.

Cinderela, Ariel, Bela e até a Betty Boop faziam companhia a Chico, que não se contentava em apenas tocar e acompanhar a letra das canções. Ele balançava o corpo magro, marcado pelos ares da velhice, de maneira desengonçada, numa dança animada e engraçada. Quando percebeu que estava sendo fotografado, ele abriu um sorriso banguela, sutilmente disfarçado pelo seu bigode.

Com um sorriso maroto e cheio de malícia, Chico se esforçava incansavelmente para ter atenção e arriscava se sobressair em algumas partes, cantando muito mais alto que os outros e com um acentuado tom agudo nas canções, que faziam falhar as cordas vocais. João do Carro e Zé Viola claramente não viam a interação como uma competição, eles se divertiam ao dividir as notas musicais com outro integrante.

Com a mesma rapidez que se juntou à dupla e começou a tocar, Chico foi embora. Após cinco canções muito bem desenvolvidas, trocou algumas palavras sobre como a vida e a família seguiam, apertou as mãos de João do Carro e Zé Viola, guardou a palheta preta no bolso da calça, colocou a vitrola na capa e depois nas costas. Então iniciou uma longa caminhada adentro do Parque da Luz.

"Não se fazem mais músicas simples e doces como estas", uma senhora comentava com sua amiga, enquanto balançava a cabeça conforme o ritmo. Era evidente o sentimento saudosista do público. Este resgate das músicas de raiz caipira trazia uma reflexão sobre o cenário do sertanejo atual, que, em sua maioria, não possui muitas semelhanças com a sonoridade da dupla.

“NÃO SE FAZEM MAIS MÚSICAS SIMPLES E DOCES COMO ESTAS”

As letras das canções, de forma geral, falavam do amor à família, contavam sobre a relação do homem com a terra e saudavam a vida na roça. Os versos e estrofes eram de fácil compreensão, de maneira que, mesmo que fosse a primeira vez que a música era ouvida, toda e qualquer pessoa poderia interpretá-la e apreciá-la. Elas eram simples, de modo que até as crianças que ali estavam pudessem aprendê-las facilmente. A intenção da dupla para com a música se reafirma ao longo do evento, provando ser bastante pura, sem futilidades.

Apesar do ronco dos motores e dos solos de guitarra que ecoavam do outro lado da rua, dentro do Parque da Luz, era como se todos fossem transportados para uma casinha no interior, onde, segundo a letra de Jeito Caipira, estar em contato com a terra e o arado fizesse o homem

sentir-se livre e em paz. E era assim que os ouvintes pareciam estar: em paz. Eles se entregavam e se envolviam tanto com o que a dupla sertaneja apresentava que, quando soava alguma buzina forte por perto, era possível se assustar facilmente, rendendo risadas nos grupos aglomerados ao redor.

A dupla, de fato, tem paixão pela música, como fica bastante claro em suas expressões ao falar sobre o tema. Antes de iniciar uma canção, a dupla sempre contava uma pequena anedota, como forma de introduzir o cântico. Enquanto arrancavam sorrisos de sua plateia, os senhores riam de suas próprias piadas e pareciam se recordar, de forma saudosa, dos momentos a que a música os remetia.

No entanto, embora esse carinho pela música caipira fosse aparente, tocar em eventos e feiras pela cidade não era um mero hobby. João do Carro e Zé Viola não são pedintes. Os músicos consideram suas cantorias por São Paulo uma forma de ganhar a vida. Ao longo de sua carreira como dupla, eles gravaram dois álbuns, com faixas distintas. "É o volume um e

o volume dois", João do Carro diz, em meio a risadas, ao exibir seus CD's à venda. Os discos são vendidos a um preço camarada. "Os dois a gente faz por vinte", Zé Viola anuncia a quem passa e pergunta.

Quando as pessoas são tomadas pela curiosidade em ver os velinhos tocando com tamanha maestria, dois tipos de reações podiam ser observados. Os transeuntes, em geral, param e refletem. Concentrados, apreciam o som da viola durante alguns minutos. Então, alguns colocam as mãos no bolso da calça e se abaixam, depositando moedas ou notas de dois reais no estojo da viola. Outros são acometidos por um sentimento de compaixão atrelado à pena, e acabam por adquirir ambos os álbuns de João do Carro e Zé Viola.

Não era apenas a gratidão pela calmaria proporcionada pela dupla que mobilizava o público. Era também o fato dos músicos serem senhores de quase 80 anos. Ao final da vida, eles não precisariam proporcionar paz e, sim, serem agraciados por ela. No entanto,

poderia ser através da música que os sertanejos se conectavam com aquilo que os deixava em equilíbrio: a vida no interior.

"Sentimos prazer em fazer isso. Gostamos de estar aqui, tocar a nossa música e encontrar pessoas como vocês, dispostas a ouvir não só o nosso som, mas as nossas histórias," sorriu João do Carro.

São Paulo é movimentada. Falar que a cidade não para já é um clichê. Mas é perfeito para expressar, de forma singela, como Sampa funciona. Não há calmaria e nem silêncio. E ao mesmo tempo, ainda há como buscar esta calmaria. Há luzes a todo instante, carros, buzinas, gente falando. João do Carro e Zé Viola encontram sua paz com a música sertaneja. Eles não tocam para chamar atenção. É unir o útil ao agradável.

